

# **ETNOGRAFANDO UM NOVO SUJEITO ANTROPOLÓGICO**

## **Representações da diversidade religiosa entre crianças de uma escola pública recifense**

**Paula Neves Cisneiros\***

Falar de diversidade religiosa atualmente inspira muitos questionamentos – respeito, tolerância, compreensão, liberdades. No entanto, pouco se tem a respeito da reação da nova geração perante esta temática. As crianças estão crescendo em um mundo que cada vez mais, luta pelas liberdades individuais dentro de uma perspectiva multicultural, mas ainda carrega um cotidiano completamente povoado por uma matriz cultural católica (CAMPOS, 2009).

O catolicismo, até o século dezenove a religião oficial brasileira, deixou de herança para a nossa sociedade um conjunto de crenças e valores que se tornou culturalmente aceito, expresso na forma de feriados e festividades em referência a santos e dias santos pertencentes à fé católica. Contudo, o protestantismo surge para abalar a crença na hegemonia católica, crescendo nos últimos anos e ganhando espaço nas camadas mais economicamente desfavorecidas da população.

A postura do Estado democrático possui, ainda que formalmente, diretrizes de tolerância e exercício da liberdade religiosa, ainda que seja possível observar conflitos e tensões, permeados pela existência do pluralismo religioso que pode ser entendido, dentre outras formas, em nível de reconhecimento da diferença. É possível colocar que pensar sobre religião é também pensar sobre diferenças, uma vez que devido ao debate sobre multiculturalismo e políticas de reconhecimento que emergem na atualidade<sup>i</sup>, não é mais possível pensar em generalizações. É preciso dar atenção a pequenos grupos.

### **Um novo sujeito antropológico**

Pesquisar crianças é um campo em recente exploração. Este sujeito gerou certa resistência por parte dos acadêmicos, existindo assim poucos trabalhos que incluíssem os pequenos. Houve algumas tentativas na Antropologia clássica de trabalhar esta temática (com Margaret Mead, George Bateson, Ruth Benedict, Malinowski, etc.), mas apenas recentemente, em meados dos anos sessenta, quando a Antropologia contemporânea se dedicou a questões de estrutura/agência, práticas sociais/culturais, a infância passou a ser

uma fase da vida, enfim, ouvida. Apenas a partir deste momento, o fazer antropológico se abriu à criança como agente cultural (CAMPOS, 2009).

Parece existir, segundo alguns autores, uma resistência ao testemunho infantil como fonte de pesquisa confiável e respeitável. Mesmo a abordagem etnográfica e a história oral tendo certa aceitação metodológica no estudo das crianças, a entrevista possui ainda uma condição menor nas pesquisas com os pequenos. Por parte dos pesquisadores parece haver uma certa resistência ou dificuldade para ouvir e dar o tratamento adequado às vozes desse novo e pequeno sujeito empírico” (CAMPOS, 2009, p.3)

No tocante à religião, as crianças sempre estiveram em posição de mudez diante das pesquisas do tema, porque o foco residia no adulto detentor do conhecimento prévio e de uma posição privilegiada dentro da instituição. Desta forma, a criança permaneceu durante muito tempo numa espécie de buraco negro das pesquisas antropológicas, considerada incapaz de exercer qualquer tipo de agência em espaços religiosos.

Campos (2009) nos lembra que a presença das crianças nas religiões pode ser observada em manifestações de credos diversos, tais como as aparições da Virgem Maria na Igreja Católica e os ogãs no contexto afro-brasileiro. Nesta lógica, elas são consideradas autoridades e suas vozes, ouvidas. Nas pesquisas atuais, muito se discute a respeito da autonomia infantil e, embora as crianças caracterizem um grupo particular, estão longe de possuírem uma liberdade que lhes garanta autonomia (Campos, 2009). No entanto, este grupo possui um diálogo com diversas esferas do mundo em que vivem, com as pessoas e as coisas, e “negociam suas possibilidades de ação de acordo com o que lhes é dado pelas interações e contextos sociais dos quais estão inseridas” (Campos, 2009, p.6).

Dentro desta discussão surge a necessidade de se fazer uma Antropologia com crianças, em que elas estejam em posição de interlocução, consideradas sujeitos de voz ativa dentro de seus contextos. Numa tentativa de seguir esta abordagem, surge a discussão deste artigo. Durante seis meses um grupo de vinte crianças com idades entre nove e onze anos de uma escola pública recifense - a Divino Espírito Santo, localizada no bairro da Várzea - foram estudadas em seus cotidianos escolares<sup>ii</sup>; entrevistadas e observadas a fim de apreender um pouco de suas práticas, ideias e de seus pensamentos acerca da diversidade religiosa<sup>iii</sup>.

### ***Posição do pesquisador no campo***

Pesquisar crianças é uma tarefa delicada porque existem bastantes diferenças entre pesquisador e pesquisado, afinal, à primeira vista é um adulto pesquisando uma criança. Concordo com Flávia Pires (2007), que soluciona o impasse da entrada em campo e da ação dentro dele colocando que se deve resolver este problema buscando a solução dentro do próprio campo, analisando cada caso a ser investigado. É preciso também evitar que esta proposta de Antropologia não consista em um apanhado adultocêntrico<sup>iv</sup> de ideias e conclusões a respeito de um universo ao qual o adulto em si não pertence.

No tocante à inserção no campo de pesquisa e o desenvolvimento do trabalho em geral, tudo aconteceu de forma pacífica e tranquila. Foram vários dias de observação participante em busca de uma máxima aproximação do cotidiano das crianças, além das entrevistas.

Apesar da facilidade de entrada no campo, é importante salientar a posição do pesquisador, que é delicada. Estar lá para observar e analisar o outro implica uma percepção, muitas vezes, de julgamento, por parte de quem está sendo observado. Ao adentrar na Escola Divino Espírito Santo, foi necessário estabelecer contato não apenas com as crianças. Necessitei de uma aproximação com os professores e funcionários do estabelecimento almejando obter uma compreensão abrangente do contexto em que meus objetos de pesquisa se encontravam. A partir disso, o contato com essas pessoas adultas facilmente foi confundido com uma espécie de avaliação do trabalho realizado na instituição por eles, quando na verdade eu nunca tive a intenção de julgar qualquer tipo de trabalho desenvolvido no local.

As crianças também, no início da minha incursão no campo, frequentemente questionavam sobre o que eu estava fazendo lá. Perguntavam se eu queria saber a respeito da *merenda*<sup>v</sup>, se estava boa ou não ou se eu estava lá para ver se elas estavam se comportando bem em sala de aula. De pronto, fui colocada em uma situação de superioridade, como uma espécie de detentora do poder, capaz de julgar o que estava acontecendo na escola como um todo. Explicar às crianças que eu estava desenvolvendo um trabalho antropológico demandaria bastante tempo e ainda correria o risco de ser inútil, fato este que me fez optar por dizê-las que eu era uma curiosa a respeito deles, queria conhecê-los melhor e assistir às aulas junto com eles para aprender também. Em relação aos funcionários e professores, o impasse foi resolvido explicando detalhadamente o trabalho a ser realizado e o foco do mesmo – as crianças no ambiente escolar. Dessa forma, abri um espaço de diálogo com as crianças, possibilitando uma equiparação minha a elas.

A partir do momento em que eu demonstrei meu interesse por elas e minha disposição em aprender o que elas estavam estudando, coloquei-me perante elas como igual, tarefa que a princípio pareceu a mais difícil.

### **Escola Municipal *Divino Espírito Santo***

Há três eventos importantes acerca da estrutura da escola que nos levam a refletir sobre a questão da diversidade religiosa – o primeiro é o próprio nome da escola, explicitamente um elemento da religião católica, que segundo a doutrina confere proteção e sabedoria. De certa forma, a denominação da instituição de ensino com um elemento pertencente a qualquer religião suscita questionamentos a respeito da postura laica que o Estado diz possuir. O *Divino Espírito Santo* aceito de forma pacífica demonstra a *invisibilidade do catolicismo* na cultura brasileira, fenômeno explicado por Almeida (2007) quando diz que tal religião no país é coexistente à ordem cultural. Ou seja, uma vez aprendido como cultura, torna-se natural(izado) (CAMPOS, 2009).

O segundo evento diz respeito à sala dos professores da escola; onde se encontravam afixadas nas paredes mensagens religiosas como exemplo de conduta a ser seguida (e esperada) pelos professores, bem como um adesivo de Nossa Senhora de Fátima na porta da sala. No caso de Pernambuco, segundo a revista *Época* (1º de setembro de 2008), a Secretaria de Educação escolhe os professores sem interferência direta das entidades religiosas e o ensino religioso em escolas públicas no estado não deve existir (e teoricamente não existe), mas na prática, a realidade é bastante distinta. Havia na sala uma estante com o material referente às aulas de Religião naquela escola, com livros didáticos. Contrariando as diretrizes pedagógicas exigidas pelo estado, a orientação religiosa na Escola *Divino Espírito Santo* se dá a partir da quinta série e é baseada no catolicismo, reforçando a tese defendida por Almeida (2007).

O terceiro evento pode ser entendido como consequência do segundo, uma vez que na sala de aula da turma pesquisada havia uma mensagem religiosa em local de destaque, onde é possível se ler frases motivacionais, que incentivam os alunos a serem boas pessoas *por causa de Jesus*; e assinada pela professora da turma.

Segundo a coordenadora pedagógica da primeira a quarta série, nos foi dito que todos os professores do Ensino Fundamental I possuíam alguma religião; dos oito professores, metade é católica e metade é evangélica. A mesma acha que é importante

haver uma orientação religiosa na escola. Ao ser questionada se deveria haver um ensino religioso na escola, Silvia<sup>vi</sup> nos respondeu:

*Tem, eu costumo dizer lá em casa que eu queria que meus meninos fizessem primeira comunhão, até porque eu fiz e meu marido fez também, mas meu marido acha que é besteira. Eu costumo dizer, mas, a religião às vezes serve até de um freio para certas coisas. Não é aquela história de punição, de fé, não, isso não. Mas às vezes você precisa seguir alguma coisa na vida, temer alguma coisa, respeitar alguma coisa, num pode ser solto assim, não, à vontade. A mesma coisa esses meninos, eu acho que a pessoa tem que ter uma posição.*

É possível perceber que a coordenadora tem um posicionamento claro e defensor da religião como forma de impor limites morais, até de educação, controle social e formação de valores – nas suas palavras, de *freio*. É notável na sua fala, ainda, a importância dada a um referencial de força, onipotência e respeito, construídos a partir de uma determinada crença religiosa.

Quando perguntada acerca de como a diversidade religiosa era trabalhada na escola, Silvia respondeu:

*De manhã aqui tem o bom dia, e durante o bom dia se rezava o Pai Nosso. Aí um dia tinha uma pessoa da gerência e disse: ‘minha gente, a escola é laica, vocês não podem estar rezando o Pai Nosso’. Aí a proposta é que cada dia a pessoa de uma religião diferente pudesse ir lá na frente e agradecer a Deus, ou a Buda, a religião que ele pertencesse lá, mas não... Como convivem com crianças menores eles não tem muito isso não, aí ficou por parte dos professores. A professora que é evangélica faz aquela oração bem bonita, que eu acho muito bonita por sinal, bem diferente daquela reza, porque a reza é diferente da oração, né? Vai na frente e faz. Porque não tem professor do candomblé, não tem, como eu lhe disse ontem, são quatro evangélicos e quatro católicos, então se reza o Pai Nosso, o Santo Anjo e uma oração que elas fazem agradecendo a Deus e a Jesus, assim. Mas as crianças nunca dizem nada não.*

Juntando este fato com a existência de mensagens e imagens religiosas pela escola, por parte dos professores, é clara a influência do professor sobre sua turma, uma vez que não há fiscalização por parte da coordenação/direção. Cada professor tem autonomia de *pregar* em sala de aula o que lhe for conveniente, não havendo interferência dos pais sobre o que é ensinado na escola.

O espaço escolar ainda é cedido aos domingos para a paróquia da região, que oferece aulas de catecismo. Tal atitude é uma forma de legitimação da presença religiosa no local, sem excluir a possibilidade de que este fator pode ser de grande influência para os alunos na decisão de frequentar ou não aulas de catecismo. Não ir seria certamente mais fácil e cômodo se não existisse a oportunidade de ir em sua própria escola.

## As crianças

De um total de vinte crianças da turma pesquisada, catorze concederam entrevistas. Mas devido à observação participante intensa do dia-a-dia delas foi possível apreender muitos pontos e elementos a mais que complementaram a parte formal da pesquisa. Sempre muito abertas, as crianças tinham muita facilidade em falar sobre suas vidas comigo, e a religião foi um fator muito presente em forma de vestimentas, discursos, comportamentos.

Ao responder a pergunta “Você tem religião?”, as crianças frequentemente respondiam de súbito “Não”, ou ainda “O que é isso?”. Mas quando perguntadas se elas iam a alguma igreja, a resposta foi quase totalmente “Sim”. Dos catorze entrevistados, onze se mostraram evangélicos<sup>vii</sup>. Do restante, considere uma criança “sem definição”, pois ela frequentava muitas igrejas distintas, e duas outras se declararam “sem religião”. Um fator muito importante é que as três crianças encaixadas nas categorias “sem religião” e “sem definição” já tiveram contato com igrejas evangélicas e nenhuma criança da turma jamais entrou numa igreja católica ou sequer sabe o que acontece lá, representando esta religião sempre através do discurso da igreja evangélica que frequentam. Tais respostas das crianças nos levam a pensar sobre a representação da religião ligada diretamente à prática religiosa.

Em relação a seus hábitos, pode-se destacar a menina Luciana, que vai à igreja com as amigas e seus pais não pertencem (ou vão) a nenhuma religião (ou igreja). Indo à igreja presbiteriana, Luciana afirma ainda que vai e gosta de frequentar os cultos religiosos, embora não vá ser “crente”. A menina é uma representação do discurso de vários outros colegas de classe. Afirma não conhecer a igreja católica, mas sabe descrever o que acontece em rituais de religiões afro-brasileiras, ainda que não tenha a dimensão de que tais rituais são religiosos. As crianças ligam as práticas das religiões afro-brasileiras à ideia negativa de “macumba” (termo usado por eles). Na fala de Luciana: “*O macumbeiro usa um boneco pra fazer macumba e matar as pessoas*”.

Como todas as crianças da sala de Luciana são de classe baixa, é possível afirmar que esse conhecimento a respeito das práticas religiosas afro-brasileiras se dá devido à proximidade geográfica dos terreiros com a residência das crianças. Na cidade do Recife, os terreiros ainda estão localizados em regiões de classe mais baixa, herança da

marginalização religiosa que o candomblé, umbanda, jurema, etc. passaram durante a época da escravidão brasileira.

### **O entendimento de “religião”**

As crianças pesquisadas não representam religião como um sistema crenças ou uma doutrina. Para elas, a noção de prática está muito mais aproximada da ideia de religião, já que muitas sequer conheciam o termo ou afirmavam não ser religiosas, mas frequentar igreja(s). A maioria das crianças o fazia na companhia dos pais ou avós, com exceção de Milena.

Ela frequentava a igreja na companhia de amigas e vizinhas, numa tendência oposta à maioria das crianças. É interessante notar que crianças como Milena têm uma compreensão da igreja como espaço de socialização, onde é possível conhecer pessoas e até se divertir. Apesar de considerar a ida à igreja uma diversão, Milena demonstrou respeito ao culto religioso. É perceptível que a religião é uma realidade muito presente no cotidiano das crianças da Escola Divino Espírito Santo; todas as crianças da sala tinham conhecimento se um/a colega frequentava alguma igreja, demonstrando o fato de que a religião é um assunto acessado também no tempo livre/de lazer das crianças.

### **O conhecimento de diferentes cultos religiosos/religiões**

*Pesquisador - E fora essa tua igreja, quais são as outras igrejas que tu conhece, que tu sabe que existe?*

*Luiza - Assembleia de Deus, Filadélfia, Madureira...<sup>viii</sup>*

A fala de Luiza demonstra uma tendência geral entre as crianças pesquisadas: o protestantismo e o reconhecimento de igrejas protestantes como únicas representações de igrejas. Além da ausência de religiões não cristãs entre as citadas como igrejas, é possível notar que no universo pesquisado, o protestantismo é a religião mais presente entre as crianças da escola. Elas não conhecem, muitas vezes, uma igreja católica ou uma sinagoga. Tal fato reforça a tese de que o protestantismo cresceu em ritmo acelerado entre as camadas de baixa renda brasileiras. Segundo Bohn (2004), cerca de 67,7% dos evangélicos possui renda mensal de, no máximo, dois salários mínimos. Dentre o grupo que recebe mais de seis salários mínimos por mês, apenas 8,9% fazem parte dos evangélicos brasileiros.

Há ainda a influência dos pais no conhecimento dos filhos a respeito de diversidade religiosa. Quando perguntado sobre as igrejas que conhece, o menino Carlos exemplifica:

**Carlos** - *A Igreja Reino de Deus, Canto Carvalho, e as outras eu não sei não porque minha mãe não deixa eu ir não. Eu só vou às igrejas mais a irmã que ela aluga um carro é pra conhecer as outras igrejas, conhece como é lá.*

**Pesquisador** – *Como é isso? Ela vai visitar outras igrejas?*

**Carlos** – *É... Com a gente.*

**Pesquisador** – *Certo, mas são todas da Assembleia? Só que em outro lugar?*

**Carlos** – *É.*

**Pesquisador** – *Certo. Mas diferente da Assembleia, nunca visitasse não? Assim, Batista, essas coisas?*

**Carlos** – *Não.*

Esta não consideração das demais religiões por parte dos pais e a negação por parte deles aos filhos, endossa a não capacidade que as crianças têm de identificar outras religiões, considerando religião apenas a igreja que participam. Em contraposição a Carlos está Milena, que ao frequentar igrejas com amigas ao invés de pais/responsáveis, abre um espaço de diálogo com outras manifestações religiosas que não a dos pais, demonstrando que o conflito maior está nos adultos, que proíbem as crianças e aparentemente, não frequentam igrejas distintas. Dentre as crianças, há a tendência daquelas que não vão à igreja com os pais ou não são obrigadas a ir, de experimentar outras manifestações religiosas (no caso, igrejas) de forma natural.

Diante disso, observa-se que apesar de a escola manter vários elementos católicos que poderiam influenciar a criança, uma vez em contato com elas, ficou muito claro que elas não foram atingidas por nenhum dos apelos quando diz respeito ao reconhecimento do catolicismo enquanto religião ou prática religiosa, contrariando uma ordem cultural vigente e permanente, desde a colonização.

Ainda no universo pesquisado, há um destaque a ser feito no tocante a ideia que se tem do catolicismo. Os alunos constantemente descreveram os católicos como pessoas que “ficam adorando imagem” e que “podem usar saia curta e batom”. O catolicismo e eventualmente o espiritismo eram as religiões citadas pelos alunos quando perguntados a respeito de diferentes religiões. No entanto, contrariando a lógica cultural católica vigente socialmente e também a dinâmica religiosa de grande parte da direção da escola, o protestantismo surge neste contexto como a religião da maioria. Sendo assim, o catolicismo aparece no mapa religioso das crianças em forma de uma categoria relacionada pela igreja evangélica a qual eles pertencem, sempre em relação ao universo evangélico que fazem parte. No caso em questão, da igreja que frequentam.

Um dos pontos mais interessantes que surgiu durante a pesquisa foi a representação dos cultos afro-brasileiros, que as crianças se referem como “macumba”. Eles descrevem a “macumba” de forma próxima, muitas vezes detalhada, descrevendo características dos cultos, mas colocando seus elementos e práticas de forma negativa e até amedrontada. Segundo Luciana, “macumba” é quando *“baixa o espírito”* e *“não dá contato com Deus, dá contato com o Diabo”*.

A “macumba” surge como prática mágica que envolve o diabo, muitas vezes associado ao termo literalmente, que serve para matar os outros, em especial as crianças, utilizando-se de brinquedos amaldiçoados ou mungunzá feito com sangue junto do leite. O discurso acerca da descrição e representação da religião afro-brasileira é eloquente. Algumas descrevem a prática de forma mais próxima ainda, por já terem observado, ainda que de longe, um culto. Quando questionado sobre o que era “macumba”, Igor respondeu: *“Eles ficam batendo o tambor e faz uma roda. Aí os outros ficam dançando, se despedaçando... Elas botam um negócio branco aqui e sem veste de branco. Com colar”*.

Como a maioria das crianças pesquisadas é evangélica, portanto, próximas a Deus<sup>ix</sup>, a “macumba”, na visão deles, se aproxima de Satanás, do Diabo, figuras conhecidamente opostas a Deus. Dessa forma, foi possível criar uma dualidade representada pelo protestantismo como “bem” e a “macumba” como “mal”.

### **Considerações finais**

Este artigo apresentou algumas questões que podem auxiliar uma melhor compreensão acerca da constante mutação que o campo religioso vem sofrendo ao longo dos anos. A hegemonia católica, que era uma realidade brasileira até o século dezenove, hoje se configura como um fenômeno em constante decadência, ameaçado pelo crescimento do protestantismo, em especial nas classes baixas.

A representação de diferentes religiões foi um fato que se mostrou ausente nos discursos dos pequenos, o que me permite afirmar que as crianças pesquisadas na Escola Divino Espírito Santo compreendem a atual gama de religiões através de um prisma da religião protestante. No tocante à compreensão do que é religião, foi interessante perceber que a ideia que se tem não tem nada a ver com a dimensão transcendental que a palavra exprime ou as doutrinas exploram e sim, tem uma ligação direta com a ideia de prática religiosa. Ir à igreja, para as crianças, é representado como algo positivo e muitas vezes, instrumento de socialização. Foi comum ver que nos fins de semana, quase que a totalidade

das crianças entrevistadas passava quase que todo o seu tempo livre participando de cultos nas suas igrejas ou atividades religiosas promovidas por elas.

O catolicismo arraigado no imaginário do brasileiro em forma de cultura não permitiu às crianças questionar nenhum dos elementos da ordem social vigente, o que reforça a ideia de catolicismo invisível defendida por Almeida (2007), já que nenhuma delas questionou os feriados ou se sentiu incomodada com a presença de elementos católicos como orações no ambiente da escola em que estudam. Já as representações das religiões afro-brasileiras sequer eram entendidas como prática religiosa. Eram geralmente ligadas a uma ideia de magia do mal, portadora de elementos místicos e que geravam um sentimento de medo por parte das crianças, mesmo aquelas que não eram parte nenhuma igreja.

Durante a realização da pesquisa e da elaboração deste trabalho foi possível perceber que as crianças possuem formas próprias de concepção do que é religião, distanciando a religião de uma esfera inatingível e aproximando-a do seu cotidiano de sociabilidade e divertimento, importando para o grupo pesquisado a frequência a alguma igreja, inclusive como fator de identificação com os colegas. A representação da diversidade religiosa entre estas crianças, então, se mostrou totalmente distante da real quantidade de religiões que há hoje em efetivas práticas no território nacional, mas demonstram uma tendência do grupo dos evangélicos de uma doutrinação de seus fiéis para além da religião que praticam. De certa forma, há uma moldagem de ideias e concepções dos fiéis em relação a outras religiões, quase sempre negativas (nesta pesquisa é possível se falar em totalidade), o que é um modo de gerar sentimentos de desconfiança e até uma não legitimação das práticas religiosas diferentes às praticadas por eles próprios (ex.: religiões e práticas afro-brasileiras).

Ainda assim, pesquisar crianças revelou ser uma atividade extremamente prazerosa e que demandou bastante jogo de cintura no tocante à adaptação de estratégias de pesquisa e de aproximação para conseguir apreender e penetrar no universo particular e íntimo dos pequenos. Desta forma, este artigo tem por intenção primordial suscitar o debate na área da Antropologia do surgimento da criança como agente antropológico e sua influência na mudança do campo religioso.

## **Bibliografia**

- ALMEIDA, Ronaldo de. (2007), “Dez Anos do “Chute na Santa”: A Intolerância com a Diferença” in SILVA, Vagner Gonçalves da (org). *Intolerância Religiosa*. São Paulo: EDUSP.
- ANDRADE, Maristela Oliveira. (2002), *500 anos de Catolicismos & Sincretismos no Brasil*. João Pessoa, Editora UFPB.
- CLIFFORD, James. (2002), *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- GOBBI, Márcia. (1997), *Lápis Vermelho é Coisa de Mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e educação infantil*. Campinas, SP. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Campinas.
- CAMPOS, R. B. C.; PAIVA JUNIOR, G. S.; SILVA, J. C. L. E.; MEDEIROS, S. G.; CISNEIROS, P. N. (2009), “Pesquisando o invisível: percursos metodológicos de uma pesquisa sobre sociabilidade infantil e diversidade religiosa”. *Teoria & Sociedade*, 17: 148-175.
- CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. (2008), Sobre a “docilidade” do Catolicismo: uma revisão bibliográfica sobre sincretismo e anti-sincretismo. *BIB. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, 65: 89-104.
- PIRES, Flávia Ferreira. (2007), *Quem Tem Medo de Mal-Assombro? – Religião e Infância no semi-árido nordestino*. Tese de doutorado em Antropologia Social. UFRJ, mimeo.
- \_\_\_\_\_. (2007a), “Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica”. *Revista de Antropologia*, 50(1): 225-270.
- \_\_\_\_\_. (2010), “Tornando-se adulto: Uma abordagem antropológica sobre crianças e religião” in *Religião e Sociedade*, 30(1): 143-164, Rio de Janeiro.
- WALZER, Michael. (1999), *Da Tolerância*. São Paulo, Martins Fontes.

---

## NOTAS

\*<sup>i</sup> Bacharel em Ciências Sociais pela UFPE e mestranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia da mesma instituição. E-mail: paulanc@gmail.com

<sup>i</sup> Ver WALZER, 1999.

<sup>ii</sup> Este artigo é derivado da minha pesquisa de iniciação científica (PIBIC/CNPq), realizada no período de agosto de 2008 a agosto de 2009, parte do projeto intitulado “Um estudo comparativo sobre (in)tolerância religiosa e de como raça, “classe” e “religião” se entrecruzam nas falas e práticas de crianças de escolas públicas e privadas, em Recife”, sob coordenação da Prof. Dra. Roberta Campos e na companhia de meus dois colegas de pesquisa, Juliana Cintia Lima e Silva e Geová Silvério de Paiva Junior.

<sup>iii</sup> Todas as entrevistas foram realizadas com consentimento dos pais ou responsáveis das crianças pesquisadas.

<sup>iv</sup> Segundo Gobbi (1997), o termo adultocêntrico se aproxima do termo “etnocentrismo”, bastante utilizado na Antropologia, e que designa uma visão de mundo segundo o grupo a qual se pertence serve de referencial para a observação dos demais. Neste caso, a visão que se tem é a do adulto, observando a lógica infantil com o olhar e sentido de um adulto.

<sup>v</sup> Termo usado para as refeições dadas às crianças pela escola e consumidas no local.

<sup>vi</sup> Todos os nomes utilizados neste artigo são fictícios.

<sup>vii</sup> Inclusive alunos que frequentavam mais de uma igreja evangélica.

<sup>viii</sup> Luiza está se referindo a bairros onde a Assembleia de Deus possui igrejas.

<sup>ix</sup> Conforme indicado em seus depoimentos.